

Personalidades dão depoimentos sobre suas vidas no *Fantástico*

Verena Paranhos

O *Fantástico* estreou no dia último dia 7 o quadro “[O que Vi da Vida](#)”, em que ratifica a proposta de aliar entretenimento e informação na programação dominical da TV Globo. A revista eletrônica já é conhecida como local de experimentações e por apresentar novos formatos, unindo, desta forma, variedade, humor, informação e entretenimento. E a novidade na programação de agosto não poderia ser diferente.

O quadro tem direção do “ex-casseta” Cláudio Manoel, em parceria com Micael Langer e Calvito Leal, dupla com quem fez o documentário “Simonal - Ninguém Sabe o Duro que Dei”. Ao contrário do que o público acostumado com a figura do “Seu Creison” poderia esperar, “O que Vi da Vida” em nada se parece com um quadro humorístico e chega a ser (melo) dramático em alguns momentos, pela publicização da esfera privada e do íntimo de personalidades da cena artística para o julgamento público.

Enquanto a emissora o anuncia com a chamada “Personalidades revelam o que aprenderam durante a vida em entrevista ao humorista Cláudio Manoel”, os sites noticiosos divulgam: “(...) depoimentos intimistas, uma espécie de minidocumentário com personalidades”. Neste ponto, evidenciamos um tensionamento de gêneros (ou sub-gêneros) – entre documentário e programa de entrevista – em que um espectador desavisado poderia indagar “o que é uma ‘espécie de minidocumentário?’”; ou quem já assistiu aos dois primeiros quadros levados ao ar e ouviu a definição oficial da emissora sentiria falta de elementos demarcadores de um programa de entrevista dita “tradicional”, como o binômio pergunta e resposta e a forte atuação do mediador, responsável por, muitas vezes, dar “cara” ao quadro.

Em busca da total intimidade da personagem, a construção da cena a deixa completamente à vontade, constituindo uma relação até familiar com o espectador. É ela a figura principal, para onde todas as atenções estão voltadas. O cenário simples, com fundo preto que se confunde com a vestimenta do entrevistado, e a iluminação leve direcionada ao rosto evidenciam ainda mais a proposta. Os enquadramentos em primeiro plano – que se alternam entre ângulos frontais e perfis – denotam que não importa onde o quadro foi gravado, nem quem o conduziu, muito menos quais perguntas culminaram nas respostas que ouvimos e nas expressões que vemos. Não se escuta sequer a voz do mediador. Entretanto, sua presença é sentida nos momentos em que a personalidade em destaque, livre para movimentar os braços, erguer a cabeça ou girar o corpo, desvia o olhar da câmera e foca em quem tece os questionamentos; ou ainda, quando o interlocutor é convocado com vocativos como “querido”, no caso da entrevista com Susana Vieira.

A edição escolhe “a dedo” as respostas das personalidades e emenda assuntos próximos, deixando harmonicamente transparecer que havia outras coisas e até contextos além do está posto ali. Muitas vezes, por exemplo, a

energia com que a personalidade profere uma sentença oscila rapidamente de um momento a outro da edição.

O quadro, de aproximadamente dez minutos, é dividido em partes, como “Fé”, “O artista”, “A vida” e tem uma trilha sonora instrumental que acompanha o tom da lembrança suscitada pela personalidade: os arranjos de piano, violão ou cavaquinho acompanham climas de tensão, alegria ou tristeza. A edição traz também fotos antigas que ilustram alguns momentos contados pelo personagem, com narração em off, que acentuam o caráter auto-biográfico e intimista da proposta.

Levando em conta os dois primeiros quadros, com depoimentos de Zeca Pagodinho e Susana Vieira, a questão do entretenimento se sobrepõe à informativa. As revelações trazidas pelos personagens são pouco relevantes e se parecem com o muito que já foi dito anteriormente em outros momentos de suas carreiras. Deste modo, valores como novidade ou ineditismo, atualidade e interesse público têm pouca importância na composição do quadro que favorece a exploração da intimidade, da vida pessoal e das emoções de personalidades do meio artístico.

A tensão suscitada pelo quadro quanto aos gêneros televisivos se justifica pela alternância de características de ambos, a qual encontra um lugar cômodo no *Fantástico*, cujas propostas de experimentação e mistura de formatos e gêneros se adequam aos princípios de produção do programa e competências de recepção de seu público. O hibridismo de gêneros tem sido cada vez mais comum em programas televisivos e o tensionamento gerado por quadros como “O que eu Vi da Vida” evidenciam a importância deste conceito.

Nos próximos domingos, a audiência do *Fantástico* será convocada a assistir em “O que eu Vi da Vida” aos depoimentos de Vera Fischer, Amyr Klink, Xuxa e Chico Anysio.

Outros cassetas

Após o fim de *Casseta & Planeta* em 2010, Cláudio Manoel foi convidado para atuar em uma parceria com a direção artística do *Fantástico*, comandada por Guel Arraes. Entretanto, nos próximos meses, ele não será o único casseta a dar as caras – ou não – na revista eletrônica. Domingo passado, Hélio de La Peña estreou o quadro “É pai, é pedra”, em que apresenta uma mistura de ficção e realidade: cenas de situações extremas com bastante humor e depoimentos de personagens da vida real, como atores e jogadores de futebol.

Segundo a [Revista da TV](#), do jornal O Globo, Hubert e Marcelo Madureira também devem dar vida a antigos conhecidos no *Fantástico*, como o personagem Agamenon Mendes Pedreira em uma série de quatro episódios ainda em fase de pré-produção. A dupla também planeja novidades: Hubert toca um projeto sobre viagens e gastronomia e Marcelo também tenta emplacar uma segunda temporada de seu “Pacato cidadão”. Já Beto Silva esquematiza uma adaptação de seu livro “Uma piada pode salvar sua vida”, misturando filosofia e anedotas.